

O NOVO FANGUEIRO

Director: ARMANDO SARAIVA

Mensário Regionalista - Preço: Eur 0,50

EDITORIAL

SÓ AMBIENTE OU NECESSIDADE DE AFIRMAÇÃO...

Num encontro recente em que o Senhor Ministro do Ambiente passou em revista o que ultimamente se tem realizado no país e quais os seus objectivos prioritários num futuro imediato, fê-lo com grande clareza, de tal modo que conseguiu convencer a assembleia presente da sua capacidade de decisão sobre objectivos muito claros.

Estando de acordo com a generalidade desses objectivos, pareceu-me que alguns dos que na altura foram anunciados como prioritários, servirão mais para consolidar o seu poder e determinação do que para servir prioridades reais dos objectivos a conseguir.

Vem isto a propósito da sua afirmação

objectiva e clara da prioridade em demolir as três torres de Fão e o celeberrimo prédio Coutinho em Viana do Castelo.

Não há dúvida de que qualquer destes mamarrachos são inestéticos, desfeiam o ambiente e merecem ser demolidos. Sobre isso estou completamente de acordo com as afirmações de Sua Excelência...

Mas ficam-me dúvidas sobre a verdadeira prioridade destas acções.

Será que elas são efectivamente prioritárias quando conhecemos a degradação e contínua destruição do pinhal de Fão, das maceiras da Estela em que predominam quilómetros de estufas que não só desfeiam o ambiente como a prazo inutilizam definitivamente a capacidade produtiva das terras que apodrecem?

Será que a conservação das dunas da Apúlia, não impõe a sempre apregoada mas nunca conseguida destruição dos barracos dos pescadores, abusivamente transformadas em habitações de praia?

Será que não é mais prioritário o desassoreamento da foz do Cávado e a proibição das tinturarias que a montante continuam a poluir o rio?

Será que não é mais urgente continuar a proteger toda a costa com as grades e passadiços, projecto em boa hora iniciado mas cuja lentidão exaspera os ambientalistas?

Será que não é mais urgente fiscalizar todas as obras de arte - principalmente pontes e viadutos - que ameaçam ruína e podem custar muitas vidas por todo o país?

São estes e muitíssimos outros casos semelhantes que no meu entender são prioritários.

E ou os serviços regionais do Ministério não informam com toda a verdade o Senhor Ministro do que se passa pelo país - que ele naturalmente não pode conhecer em pormenor - ou as suas prioridades destinam-se mais a demonstrar aos prevaricadores que a impunidade acabou e que no futuro as ordens são para cumprir, procurando acabar com o laxismo a que a tradicional impunidade dos poderosos nos habituou, e a destruição dessas imponentes construções servirão mais para marcar o terreno da actuação de Sua Excelência e mostrar publicamente a sua determinação.

Pensando bem e se assim for, até estou de acordo com as prioridades anunciadas.

Edmundo Marques

VULTOS DE ESPOSENDE

Por **ARTUR L. COSTA**

Arquitecto Arménio Losa e Ilse Lieblech

Duas almas bem ajustadas às condições da época uniram-se para sempre, viveram felizes, foram vultos fora do concelho. Não foram,



Arménio Losa

também ilustres desconhecidos, porque os Homens vão continuar no uso desta pecha lusitana: valorizar quem sobe na vida depois de fechar os olhos, só para além da morte.

Esposende, mais especificamente Marinhas, deu um vulto cujo retrato veio a público no JN, em 27 de Junho de 1999, em fim de século.

Arménio Losa era descendente de família modesta de Marinhas (Esposende) oriundo de camponeses, mas trabalhadores que lutaram pela vida, deram o melhor futuro aos filhos. Seu pai,

capitão do Exército português, esteve em campanhas de África e nos movimentos republicanos da sua época.

A morte prematura da mãe levou-o para o aconchego da avó materna que tomou a responsabilidade da sua educação, porque seu pai, devido à função e condição de militar, teria dificuldades em cuidar do futuro deste filho. Contudo, com 17 anos, Arménio Losa entra na Escola de Belas Artes do Porto, convencido de que seria um bom pintor. Ainda bem que cedo se arrependeu de ideias e mudou-se para arquitectura, sendo aluno de Marques da Silva e terminou o seu curso em 1932, aos 28 anos.

A sua actividade no Porto foi bastante profícua e os seus trabalhos deixaram marca: foi autor do projecto de reforma da Refinaria do Açúcar, na rua da Restauração, em 1935 e bem assim, do gaveto da Avenida da Boavista, com a rua do Pinheiro Manso, Porto; em 1936 era arquitecto urbanista na C. M. do Porto; entrou em parceria com Cassiano Barbosa até 1960; assinou o projecto do bloco habitacional da Rua da Boavista e trabalhou no projecto do imóvel da rua de Sá da Bandeira, entre o Bolhão e a rua Guedes de Azevedo.

De parceria com Bomfim, Arménio Losa elaborou o Plano de Vila Nova de Gaia, mas o

projecto "mais emblemático foi o edifício da CUF, na praça da Galiza, em 1948, que veio a ser demolido mais tarde. Foi ainda responsável pelo projecto do arranjo envolvente à Sé Catedral do Porto. Seria na qualidade de autor e de co-autor que Arménio Losa assinou mais de 150 projectos, o que demonstra a sua capacidade profissional e de técnico urbanista.

Ligado ao meio da arquitectura, "em 1947 integrou o grupo fundador da Organização dos Arquitectos Modernos, e em 1948 participou no Congresso dos Arquitectos Portugueses, apoiando a derrota das tendências conservadoras. Faleceu



Ilse Lieblech

em 1988, com 80 anos", disse Alice Rios redactora da sua Biografia.

Ilse Lieblech, escritora

Não podemos dissociar de Arménio Losa a germânica Ilse Lieblech, a escritora Ilse Losa que

(Continua na pág. 11)

**PAGUE A ASSINATURA:
7.00 Euros**

ESPOSENDE

Por ARTUR L. COSTA

Aberto o Curso de Educação e Formação Integrado e o PEETI

Teve início a 7 de Janeiro o Curso do programa integrado na Educação e Formação, Fase de Avaliação, destinado a jovens entre os 13 e os 16 anos, com vista ao PEETI (Programa para Evitar a Exploração do Trabalho Infantil).

O curso terá a duração de mês e meio, pelo que encerra a 15 de Fevereiro próximo.

No acto de abertura, o Centro de Emprego e Formação Profissional de Braga e de Barcelos, de parceria com Esposende, a Câmara Municipal de Esposende e a Associação Comercial e Industrial do concelho de Esposende deram início às actividades, cujo currículo envolve matérias relacionadas com outras actividades e emprego de jovens sem as habilitações académicas mínimas adequadas ao mercado de trabalho, entre as quais: matemática, português, meio ambiente, desenvolvimento pessoal e social (orientação vocacional), com visitas a ETAR's, Centros de Formação Profissional, Decompostagem, Observação de Aves e Plantas, com avaliação.

A sessão teve a presença da responsável Dr.ª Paula, do Centro de Emprego e Formação de Braga, Dr. José Rocha, José Albino Faria, da Associação Comercial e Industrial do Concelho de Esposende (ACICE), Dr. Jorge Cardoso, vereador da C.M. Esposende, além de técnicas e monitoras do Curso, responsáveis pela Formação e Emprego e do Ensino Secundário, alunos e convidados.

Durante as intervenções ficou bem demarcada a utilidade dos cursos, além dos resultados de outros já realizados. Também ficou bem vincado os riscos à atribuição de emprego a menores de 16 anos e as consequências, embora se justifique com o apoio a familiares em situação económica difícil e precária, porque o programa PEETI visa salvaguardar o futuro dos jovens vítimas de insucesso escolar.

As sessões de aulas da parte teórica decorrem nas instalações da ACICE, Esposende.

Instalados os órgãos autárquicos: Câmara Municipal e Assembleia Municipal

Cabeças de lista do PS faltaram à chamada

Na verificação de poderes e de instalação dos órgãos autárquicos, no dia 9 de Janeiro foram empossados os candidatos eleitos em 16 de Dezembro passado cerimónia a que presidiu Mariz Neiva, presidente em exercício da anterior Mesa da Assembleia Municipal.

Efectuada a chamada dos eleitos para a Câmara Municipal e pela ordem de votação, Fernando João Couto Cepa, do PPD/PSD que assumiu a presidência do Executivo Municipal, seguindo-se os seis vereadores: Tito Alfredo Evangelista Sá, do PS, que não compareceu e justificou; Vítor Manuel da Silva Leite, Jorge Alves Cardoso, Maria Emília Mariz Figueiredo e José Albino de Faria, pelo PPD/PSD; Luís Gomes do Vale, do PS.

A finalizar o acto de posse, feita a leitura da acta e auto de posse dos eleitos, João Cepa proferiu um discurso, para agradecer os apoios recebidos e de tantos que confiaram nas suas qualidades e, bem assim, "Ao povo anónimo". Não deixou de recordar "aqueles opositores que foram capazes de resistir à tentação de política óca, demagógica, intensa de populismo e alicerçada em perseguições pessoais..." Sobre o Concelho, dizia: "Tornou-se modelo autárquico e é liderante em vários domínios da actividade própria de um município." Referiu-se, ainda, à continuidade da obra e da gestão da autarquia "com transparência, seriedade, rigor e humanismo". Recordou, também, a falta de apoios do Poder Central e das acusações sem fundamento para "nos poderem acusar de não fazermos nada".

Já a terminar, disse João Cepa: "Que esta cerimónia seja o arranque para um novo ciclo político neste concelho". E, para o mandato, enumerou as prioridades nos vários sectores e actividades do município: Educação, Saúde, Desenvolvimento



Acto de posse de João Cepa e vereadores eleitos na C.M. de Esposende

Económico, Urbanismo, Habitação, Segurança e criar um corpo de Polícia Municipal, Cultura, Rede Viária e Transportes, entre outras e apostar "Nas parcerias e na estreita colaboração com as Juntas de Freguesia, no movimento associativo e com agentes económicos e sociais do concelho", na qualidade de vida, nas políticas de natureza cultural, desportiva, sem perder de vista o "crescimento da marginalidade, de pobreza e da exclusão social... que o poder local é chamado a responder com eficácia".

Alertou para o último mandato com o "Recurso de fundos comunitários", além das dificuldades que temos de suportar devido à situação do país. E, rematou com Eça de Queirós: "A política sem ética não presta".

No final, com o Salão Nobre da Câmara completamente cheio, os presentes foram cumprimentar e felicitar, os autarcas empossados.

Assembleia Municipal elegeu a Mesa PPD/PSD em maioria absoluta

Devido ao resultado eleitoral foram chamados, por ordem de votação, os candidatos à Assembleia Municipal, a que faltou Joaquim Couto, do PS e Matos Ferreira, do PPD/PSD. Manuel Mariz Neiva, presidente cessante da Mesa da Assembleia empossou Alberto Queiroga Figueiredo, ex-presidente do Município, deputado na Assembleia da República e dirigente da Associação Nacional de Municípios e mais 12 eleitos pelo PPD/PSD; 5 pelo PS e 2 pelo CDS/PP. Como é regulamentar, iniciaram-se as acções para eleição da Mesa, com propostas do PPD/PSD e do PS/CDS-PP, em lista unionominal e por escrutínio secreto. Foi eleito, por 25 votos a favor, contra 9 da proposta da oposição, Alberto

Figueiredo, do PPD/PSD. Em relação aos dois secretários, venceram as propostas do PPD/PSD: Manuel Fernando Arezes, 1.º Secretário; José Manuel Casal de Almeida, 2.º secretário, por 24 votos a favor.

No decorrer desta Assembleia, a proposta do presidente da Mesa, ficou deliberado a constituição de Comissão para a revisão do Regimento, com três elementos do PPD/PSD, a presidência e a coordenação; mais um elemento do PS e outro do CDS/PP.

No mês de

Fevereiro reunirá a Assembleia para aprovação do Plano e Orçamento para 2002; outra, em Março, para apreciação e votação da conta de Gerência da Câmara Municipal.

Dadores de Sangue - Campanha/2002

No seguimento do calendário para 2002, a Associação de Dadores de Sangue, com o apoio do Instituto Português de Sangue, durante o mês de Fevereiro vão recolher as dádivas de sangue nas seguintes freguesias: Marinhas, dia 17, no Centro Paroquial; dia 27 em Roriz (Barcelos), no Jardim de Infância.

Em Março próximo, a Brigada de recolhas desloca-se: dia 3 em Mar, no Centro Social e dia 10, Perelhal (Barcelos).

Associação dos Dadores de Sangue de Esposende continua a afirmar-se no todo nacional, quer pelas quantidades recolhidas, quer pela colaboração espontânea da população do Concelho de Esposende e parte de Barcelos. Também pela organização e participação dos responsáveis nesta cruzada humanitária.

Universidade do Autodidacta de Esposende

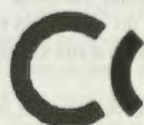
No dia 19 de Janeiro findo, teve início a actividade escolar da Universidade do Autodidacta, em cerimónia que se realizou nas instalações da sede da Junta de Freguesia de Esposende, com a presença de 12 formandos.

Segundo informação colhida na Junta de Freguesia, o curso tem vários temas de âmbito geral na

(Continua na pág. 8)

COMPOSIÇÃO DA ASSEMBLEIA MUNICIPAL DE ESPOSENDE

Assim, fazem parte da Assembleia Municipal de Esposende, além da Mesa já referida os eleitos: pelo PPD/PSD - Agostinho Neiva, Manuel Brás Marques, António Maranhão Peixoto, Manuel Joaquim Peres Filipe, Manuel Carlos Matos Ferreira, Tiago Francisco Faria de Moraes, João Miguéis, Manuel Lima de Almeida, Carlos Manuel Afonso Novo, António Manuel Rossas Pereira; pelo partido Socialista - Joaquim Couto (faltou à chamada), José Luís Correia Azevedo, Manuel Enes Abreu, José Maria Nunes da Silva, José Luís Ribeiro, Jorge Duarte Silva; CDS/PP - Álvaro Maio, José Baltazar Lage Matos. São deputados à Assembleia Municipal, por inerência, os presidentes da Junta de Freguesia, pelo PPD/PSD: Antas, Apúlia, Belinho, Fão, Forjães, Gandra, Gemeses, Mar, Palmeira de Faro; PS - Espôsende e Marinhas; Independentes - Curvos, Fonteboa, Rio Tinto; Partido da Terra - Vila Chã.



Clínica Médico-Cirúrgica

Hercília & Jorge Arelas

Prof.ª Doutora Hercília Guimarães
Pediatra - Neonatologista

Prof. Doutor Jorge Arelas
Gastroenterologista - Hepatologista

Horário de funcionamento:
2.ª a 6.ª-feira das 14.30 às 20.30 horas

Bom Sucesso Trade Center • Praça do Bom Sucesso, n.º 61, sala 904 • 4150-146 Porto • Telef. 226 053 625

GRALHAS

O pecado maior que nos atormenta são as gralhas que caem neste jornal. Sabemos todos como elas acontecem, que a culpa pode ser de todos e não ser de ninguém. Mas o director de um periódico é sempre o responsável máximo da publicação e correspondentemente a visita das atrevidas poisantes é-lhe assacado como culpa sua.

É claro que não engeitamos essa atribuição culposa mas desta vez os lapsos ficaram a dever-se a momentânea falta de saúde. Foi o caso que na véspera de levarmos os textos à tipografia, estivemos na Pápa a dar uns últimos retoques aos papeis. Rigorosamente não eram os últimos: antes os penúltimos. E já era noite quando resolvemos voltar a casa. Sucedeu que pelo caminho, ou mais exactamente, a meio do caminho, o motor (o nosso) começou a dar sinais de falhas. Abrandámos a marcha, mas sempre com rumo a casa. Até que tivemos que parar e batemos à primeira janela que nos apareceu à mão. Batemos com pancadas nervosas e logo nos aparece o Cassiano. A casa era de facto do Cassiano.

Solicitamos-lhe que nos levasse ao hospital, pois não nos sentíamos bem. Ele procurou aquietar-nos e com a ajuda da Tininha, a solfita Tininha que na altura estava na cama também doente, meteu-me na sua carrinha e levou-nos ao hospital onde, como sempre, fomos atendidos com toda a prontidão e eficácia. O nosso *bem hajam* ao pessoal hospitalar e ao casal que providenciou a nossa ida para aquela casa de saúde.

Apesar de tudo, não perdemos os papeis e quando saímos do hospital, à uma e tanto da noite, levámo-los connosco. Mas não lhe mexemos e no dia seguinte eles foram levados, de certo modo *a cru*, para o tipógrafo. Resultado: um quilómetro de gralhas. À laia de compensação recordamos aquele dito de alguém – teria sido Fernando Pessoa? – que perante as gralhas rematava: “Um jornal sem gralhas é como um jardim sem flores”. Ora toma!

Vamos então remendar algumas das ditas: na primeira página e primeira coluna, a seguir a *analistas políticos* leva uma vírgula; a seguir aparece a palavra *acumulativamente*. Substitua-se por *cumulativamente*. Depois aparece a palavra *clíc*: leia-se *chic*; substituir *clan* por *elan*; *irreputável* irrefutável. Daqui para a frente faremos como agora: a primeira palavra é a palavra errada. Pomos um traço vertical e a seguir a palavra certa; Moriz/Moniz; a seguir a dúvida, coloca dois pontos; *têm sido/tem sido*; na pág. 7, primeira coluna: *é digno/são dignos*; na sétima linha, a sangue no Porto: dr.ª Marília Novais; na nona linha 10: plaqueta-féras/plaquetas-aférese; *stand/standard*; a seguir a *processo*, colocar uma vírgula; na quarta linha a começar de baixo; do/ao. Na 3.ª linha a contar de baixo e a seguir a feitas: pôr ponto final seguido de *O maíusculo*. Depois de sairem (2.ª linha, de baixo, não leva ponto final e *os* começa com letra minúscula; terceira coluna, na segunda linha: em vez de *são/permanecem*; na sétima linha: *nos/no*); a seguir: *passamos/precisamos*; na 13.ª linha: *50.000/50 a 80*; recebe *tsangue/receber sangue*. No final em lugar de “continua na pág. 10/pág. 10: entrevista com o eng. Adelino Marques. Na pág. 7, linha 15 a partir de baixo lê-se: neste momento reaparece-nos a Directora do Centro. Deve ler-se: “Neste momento aparece-nos uma das médicas do centro que vem dar uma ajuda. É a sr.ª dr.ª Ofélia Alves.

REINFUNDIMOS O DEPOIMENTO DO ENG. ADELINO MARQUES, PRESIDENTE DA DIRECÇÃO DA ASSOCIAÇÃO HUMANITÁRIA DOS DADORES DE SANGUE DE ESPOSENDE

– Como aparece integrado neste movimento de dadores de sangue, aliás uma das mais nobres acções humanas?

– Tudo começou em 1983. Meu pai adoeceu com um problema do foro renal. Teve que ser operado de urgência no hospital de S. Marcos, em Braga. Não havia sangue suficiente e eu, meus irmãos e outros amigos oferecemo-nos para dar sangue.

Tomei então consciência do valor da dádiva de sangue e tornei-me dador do Hospital de S. Marcos. Por outro lado, muitas vidas se poderiam salvar se houvesse muitos mais dadores. Neste sentido, quando assumi o lugar de Presidente do Clube Rotário de Esposende, em 1993, incluí no meu programa de tarefas a recolha de sangue. A adesão foi animadora. Quando deixei a presidência do Clube, solicitei ao meu sucessor que continuasse com a campanha de sangue. Ele alegou falta de tempo e eu então, para não perder o trabalho já realizado, assumi a chefia do movimento. Agreguei um grupo de amigos e em 8.7.94 criamos a Associação Humanitária dos Dadores

o Centro do Dador, instalações adquiridas com a comparticipação, na sua maioria, pelo senhor Carlos do Carmo Pereira Quinta e Costa, por uma empresa privada e pelo Ministério da Saúde. Falta-nos ainda adquirir o equipamento e esperámos, para o efeito, a ajuda de mais amigos e beneméritos da Associação.

Neste momento, o concelho de Esposende tem a média de 70 dádivas por cada 1000 habitantes, num universo de 2.700 dadores, valor muito superior às 30 da média nacional e às 40 preconizadas pela Organização Mundial de Saúde e muito próxima do valor máximo dos países europeus que atingiram a auto-suficiência (50 a 80 dádivas por 1000 habitantes). Do mesmo modo, e a título comparativo, será de referir que o Centro de Transfusão de Galícia, com sede em Santiago de Compostela, tinha como objectivo para 2001, atingir as 42 dádivas por 1000 habitantes.

Em termos de freguesias, a melhor média de recolha de sangue, quer em valor absoluto quer por cada 1000 habitantes, é dada por Belinho, freguesia



Inauguração da viatura doada por Carlos do Carmo Quinta e Costa

de Sangue de Esposende, sob a protecção de N.ª S.ª da Saúde, adoptada como padroeira. E em sua homenagem deliberámos, nesse mesmo dia, que a data oficial da fundação seria o dia 15 de Agosto de 1994.

No primeiro ano a Associação recolheu 550 dádivas e, num ritmo sempre crescente, atingimos em 2001, 2.523 dádivas. O movimento das recolhas tornou-se imparável e para 2002 temos programadas 44 recolhas de sangue, sendo 30 no concelho de Esposende, 12 no concelho de Barcelos e 2 no concelho da Póvoa de Varzim.

Todavia, esta acção humanitária só tem sido possível com a adesão de milhares de dadores anónimos que, animados de um espírito altruísta, aparecem nas diversas recolhas, faça frio ou calor, dando um magnífico exemplo de solidariedade. Mas, para além dos próprios dadores, há a registar o apoio de muitas outras entidades, designadamente dos reverendos Párcos das freguesias, dos Jornais e da Rádio local, das Juntas de Freguesia, de outras Associações, da Câmara Municipal, do Instituto Português do Sangue, de Empresas, de Pessoas Singulares, etc. Assim, a nossa sede social foi adquirida com a comparticipação do Ministério da Saúde e da Câmara Municipal e a viatura foi-nos doada pelo senhor Carlos do Carmo Pereira Quinta e Costa. Do mesmo modo, vamos inaugurar brevemente

onde o seu Pároco já necessitou de sangue e é agora um grande entusiasta desta causa.

No tocante à freguesia de Fão, com 200 dadores, há a salientar a particularidade de, nos primeiros anos, os homens serem em maior número que as mulheres, mas a situação inverteu-se e, hoje, a lista feminina ultrapassou a masculina.

É TARDE, MEU AMIGO, É TARDE...

*Deixaste o tempo passar,
'stava eu na linha ao lado,
E tu de costas voltado:
Não me vi no teu olhar...*

*Comigo, um sonho viveste;
Sem mim, foste a naufragar!
Acordado, adormeceste,
Não viste o tempo passar:*

*Já não há tempo p'ra nós,
Mesmo que eu mude de linha,
Mesmo que fiquemos sós!*

*Quem sabe se ao fim da linha
– da tua quanto da minha –
Há outra vida p'ra nós!...*

MARIA DUVAL

A HISTÓRIA DO FUTEBOL EM FÃO (Cont.)

Armando Saraiva

Já vimos em artigo anterior que a primeira bola de futebol a ser utilizada no nosso País teria sido trazida de Inglaterra em 1884 por Guilherme Pinto Basto, um dos muitos estudantes portugueses que então, segunda metade do séc. XIX, iam estudar para Inglaterra.

Naturalmente enroupavam-se com os usos e costumes vigentes na loira Albion. Ora o futebol, por essa altura, estava no tope dos desportos praticados na pátria de Shakespeare. No tope, não seria bem assim. Outros divertimentos disputavam a primazia na terra inglesa, nomeadamente o críquet, a corrida de bicicletas, o jogo do pau e outros mais. O jogo da bola que desde há milénios se vinha realizando de uma forma muito irregular ou primitiva e diversificada: começou sem balizas, sem guarda-redes, sem regras e até sem espectadores, foi evoluindo pelos séculos fora, até que, encavalitado na Revolução Industrial, que primeiro se revelou em Inglaterra, aparece nesta nação com uma ossatura muito próxima do futebol de hoje.

Estávamos já no séc. XIX e o futebol atinge neste país a sua "fase contemporânea". Depois propaga-se muito vertiginosamente por outros países, a começar pela Suíça, como já vimos.

Em relação ao nosso País, foram vários os agentes que contribuíram para a propagação do novo desporto. Temos como referência primeira os estudantes lusos que, como já vimos, no início deste texto, frequentavam colégios ingleses. A eles se podem juntar técnicos, artesãos e outros trabalhadores que por essa altura, segunda metade do séc. XIX, se deslocavam a Portugal para ensinar os fncolas locais a resolver problemas ligados a novas indústrias, bem como a implementar tecnologia de ponta. Lembramos, por exemplo, a montagem do primeiro cabo submarino a partir de Carcavelos e também a criação da fábrica Graham, no Porto, que foram, por sua vez focos ou matrizes, de onde surgiram várias equipas de futebol. Já agora, e porque estamos a citar ingleses, não devemos esquecer os comerciantes de vinho do Porto que tinham a Inglaterra como a sua principal cliente. Tomemos como exemplo, António Nicolau de Almeida, um jovem comerciante da cidade invicta, que nas suas frequentes deslocações à Grã-Bretanha não pôde evitar ser "contaminado" pelo novo jogo, acabando por fundar na cidade que lhe deu o berço, o Football Club do Porto, isto em 1893. Outro factor de não somenos importância deve ser evocado: referimo-nos ao incipiente turismo que já dava os primeiros passos por mor das frequentes visitas que os cidadãos ingleses faziam à nossa ilha da Madeira. Entre eles citamos o Sportman Harry Hinton que alguns memorialistas apontam como a pessoa que introduziu a primeira bola de futebol em Portugal⁽¹⁾.

E por agora basta de falar de futebol em termos gerais. Vamos continuar, sim, com a Académica. Não nos esqueçamos, que o tema específico do nosso discurso é "A História do Futebol em Fão". Começamos, no entanto, por ir à raiz do jogo da bola, quase aos tempos proto-históricos, avançamos depois pelos anos em diante, digamos até pelos milénios fora, fixamo-nos um pouco na Inglaterra do séc. XIX, demos em seguida um salto a Lisboa, embarcamos, ou melhor, tivemos uma ligeira demora no Porto, e depois estacionamos um pouco mais em Coimbra, onde ainda nos encontramos. De seguida, tomaremos o rumo de Braga para falarmos da sua Associação de Futebol o que nos vai permitir uma ligação directa para o futebol fangeiro.

Voltemos assim à Académica que é para nós uma paragem obrigatória e que teve um futebol *sui generis*, adaptada a uma filosofia de desporto amador ao qual rendeu culto durante muitos anos.

Quando surgiu a Associação Académica de Coimbra? Segundo rezam documentos antigos, a Associação Académica de Coimbra nasceu em 1887, embora não tivesse sido criada com o objectivo específico de praticar jogos de futebol.

No entanto, o futebol estava a chegar. Já vários clubes se tinham formado, nomeadamente no Porto e em Lisboa. Na cidade doutora havia desde 1867 o Ginásio Clube de Coimbra.

Quando foi que a Académica disputou o primeiro jogo contra um clube de fora? Consultando o livro "Académica", editado em 1995 pela Associação

Académica de Coimbra e pela Casa da Académica de Lisboa, com 107 autores, e verificando o que vem nas páginas 49 e 52, fica-se pendurado entre duas datas: 1901 e 1912. Com efeito, na página 49 do referido livro pode ler-se: "Em Coimbra - pelos documentos disponíveis - não terá havido futebol antes de 1901 ano de um pedido de autorização da Académica para se jogar no Campo de Santa Cruz, onde é hoje a Praça da República". Daqui se pode concluir mas só com muita boa vontade que a partir daí se jogou futebol em Santa Cruz. Só com muita boa vontade... É que na página 52, conta-se que "o primeiro grupo de futebol que usou o nome de Associação Académica de Coimbra, em competição externa com outros clubes, formou-se a partir dos estudantes que anteriormente pertenciam à chamada Liga do Liceu, e que se compunha unicamente de estudantes liceais e de alguns alunos da Escola Agrícola.

E mais à frente continua:

1.º jogo. Data: 28/1/1912. Adversário: Ginásio Clube de Coimbra. Campo: Ínsua dos Bentos, junto ao Mondego no final do actual Parque da Cidade. A reforçar a possibilidade de se jogar futebol na Quinta de Santa Cruz que tinha sido cedido pela Câmara à Associação Académica para campo de jogos, deve dizer-se que em 1901 este recinto estava "intransitável". Só em 1914 começam ali obras de terraplanagem devido à boa vontade de edilidade coimbrã e do seu Presidente dr. Sílvio Pélico.

Outras obras continuaram e em 1918 já foi possível realizar o primeiro "match" que teve como contedores a Académica e o Império de Lisboa. As condições do novo "estádio" eram ainda precárias. Por isso os arranjos do mesmo continuaram, graças agora aos esforços, ao entusiasmo, ao trabalho (mesmo de pau e pica) de muitos estudantes, entre os quais se devem destacar os académicos Cunha e Vaz e Rui Sarmento, a que mais tarde se juntaram António Matos Beja, José Saraiva um verdadeiro gigante (ou não fosse Saraiva), João Teixeira Lopes, Albano Paulo, Fernão Rosa Gomes, Alexandre Alves e Armando Sampaio". Pás, picaretas, alviões, cilindros, carros de pedra, de saibro e de areia, foram por eles manejados e conduzidos com profundo alvoroço e comprovada eficiência, sem que os motivos qualquer interesse material.

E sem qualquer apoio do Estado conseguiu-se, edificar, porventura, o melhor campo desportivo do país (2).

(Continua no próximo número)

- (1) Francisco Santos. História Lúdico-Desportiva da Madeira.
(2) Do livro Académica.

UM LIVRO DESVELADO

(Continuação da pág. 12)

apreço, foi pródiga na criação de Associações, Sociedades Desportivas, Tipografias e Escolas, graças ao trabalho, à iniciativa, ao fervor, à generosidade, à mística e ao bairrismo dos seus moradores. O que se fez nessa altura, na cidade mondegueira e quem fez é-nos relatado por Lopes de Azevedo com uma minúcia coarctada. Com efeito o autor tem um remate à sua moda: "No centenário da Sociedade Arqueológica: Ponto Final". No meu entender, o estado da Nação deveria ser descrito com mais pormenor o que reforçaria o mérito das pessoas que estiveram na base do arranque da terra figueirense em período conturbado da governação do País.

É verdade que Lopes de Azevedo menciona algumas dessas figuras: Goltz de Carvalho, Santos Rocha e outros, e entre eles um tal D. António da Costa de quem eu recordo um trecho da minha escola primária que a certa altura rezava assim: Deve entrar no programa educativo da família", etc.

Quem era este D. António da Costa? Nunca me passou pelas mãos até que, lendo o livro de Lopes de Azevedo, o localizei. Foi director no Ministério de Educação à volta de 1877.

O célebre prof. Goltz, um nome que por si ilumina o céu da Figueira, entre muitas outras coisas, criou, quase só à sua custa, uma creche para crianças pobres da vila.

E já agora um outro nome que encheu de emoção o céu da Figueira: O Conde de Ferreira - Joaquim Ferreira dos Santos (1782-1866). Pelo seu testamento foram criadas 120 escolas primárias com habitação para professores. Uma delas foi criada na Figueira.

Foi tudo isto que desvelou a paciência de monge do dr. Lopes de Azevedo. Bem haja.



REIMELI

EQUIPAMOS HOJE AS GARAGENS DE AMANHÃ

ALTA TECNOLOGIA • ASSISTÊNCIA TÉCNICA
APROVEITE O CRÉDITO REIMELI/LEASINVEST



ELEVADORES 2 COLUNAS



TESTE DE TRÁVÊS



LAVAGEM AUTOMÁTICA



ELEVADORES 4 COLUNAS



LAVAGEM ALTA PRESSÃO

Visite as nossas Exposições:

REIMELI

PORTO - RUA 5 DE OUTUBRO, 212 - TEL. 226 091 018 226 063 746 - FAX 226 673 85

PÁGINA JOVEM

Olá jovens! Ainda há tão pouco tempo mudamos de ano e já estamos no Carnaval! A vida passa mesmo a correr! Esperamos que tenham uma boas "mini-férias" e que as avaliações intercalares sejam satisfatórias!

**VIDA DE NUNO
ÁLVARES PEREIRA**

JAIME
CORTESÃO
(in
"Contos para Crianças")

(Continuação)

E quando foi ao assentar os dois com a sossegada compostura de boa criação, não se deram pressa de tomar lugar. Mas apenas o rei e as duas rainhas se sentaram, a turba dos fidalgos precipitou-se com sofreguidão a ocupar os seus lugares. De sorte que a mesa, onde eles haviam de comer, foi bem depressa cheia de portugueses e castelhanos, que não fizeram conta deles dois, ainda que bem os conhecessem, e eles estivessem bem vestidos, como tal caso requeria. E quando Nuno Álvares viu o tronco da mesa todo cheio, que já não tinham onde se assentar, disse, reprimindo a ira, para seu irmão:

– Mal ia à nossa honra, se aqui nos deixássemos ficar. Vamos embora, mas antes que partamos, quero que estes, que nos desprezam e escarnecem, fiquem por sua vez escarnecidos. E então chegou-se à mesa, pegou-lhe pela ponta a todo o peso e atirou-a com estrondo a terra. Dos que estavam sentados alguns rolaram pelo chão; a outros caiu-lhe a baixela em cima com as carnes e molhos das suas iguarias. Houve um espanto, um burburinho, uma confusão enorme.

(Continua)

Esta página tem o patrocínio de:

FOR BODY
SPORTSWEAR

EU SÓ VIA MAR

Caminhava junto ao mar,
E, no meu caminhar,
Eu sentia o bater das ondas,
Eu só via mar!...

Estendi os meus olhos até bem longe:
Era só mar!...
Então, apurei os meus sentidos
E deixei-me navegar...

Gaivotas passavam por mim,
Num vaivém constante:
Senti que me estavam a saudar...
Sentia-me leve, distante,
Pequena bandeira ondulante
Na brisa fresca do mar...

E, nesse constante vaivém,
Senti-me gaivota, também,
E comecei a voar!...

MARIA H. DO VALE
(in "A Luz e a Voz")



Desenho de VANESSA SOFIA (15 anos)

Poema sem título

Povo
– lavradio de vida
e orações

Simples
Como o leilão do menino

Feito de castanhas pão e vinho

AURELINO COSTA
(in "Na Raiz do Tempo")

PAUSA PARA SORRIR

Uma senhora adocece, com uma forte gripe. Como não tem mais ninguém em casa, senão o marido e como ela está com muita febre e não consegue levantar-se da cama, chama-o e diz-lhe:

– Ó homem! Faz-me um chá, por favor, que me sinto tão doente!

O sujeito vai para a cozinha e o tempo passa sem ele trazer o chá. A esposa, impaciente de tanto esperar, diz:

– Ó homem, que estás tu aí a fazer há tanto tempo e o chá sem aparecer?

Diz o marido:

– É que não consigo, por mais voltas que dê, encontrar o pacote do chá!

– Ai os homens! – suspira ela. – Não tem nada que saber: vais à última prateleira do armário, à caixa onde está o açúcar, que por fora diz "canela", e no meio do açúcar procuras, que o chá está lá!

Um passageiro entra num táxi e diz ao motorista que tem pressa. Este procura andar com rapidez, mas a certa altura chegam a um sítio onde estava um autocarro avariado, o que fazia com que os carros tivessem formado uma grande fila, e, portanto, circulassem muito devagar.

Irritado, o cliente pergunta:

– Que diabo! Você não pode ir mais depressa?

Responde o motorista:

– Lá poder, até podia! O que não posso é deixar aqui o carro...

NOTÍCIAS

Da Escola Profissional de Esposende

• Técnicos especializados dão resposta a necessidades das empresas



Estes projectos de desenvolvimento de software serviram de mote a discussões sobre a estratégia adoptada no projecto em curso.

Os alunos manifestaram-se abertos e disponíveis para desenvolver aplicações específicas nas entidades onde vão realizar estágio, já no próximo ano lectivo. Desta forma, as instituições em causa ficarão dotadas de técnicos capazes de analisar e informatizar os fluxos de trabalho tradicionais e propor novas soluções, numa altura em que as empresas se deparam com uma cada vez maior falta de técnicos especializados.

• Alunos de Informática da EPE visitam Inforpor, na FIL

Nos passados dias 25 e 26 de Novembro de 2001, os alunos de Informática Aplicada (I e II) da Escola Profissional de Esposende (EPE) deslocaram-se a Lisboa, numa visita de estudo à maior feira nacional de Informática e Internet - a Inforpor 2001, que decorreu na FIL.

Esta acção permitiu aos alunos, para além de um convívio informal entre turmas e professores através de actividades lúdico-pedagógicas, um contacto com a realidade da projecção dos conteúdos estudados, no que diz respeito a soluções comerciais globais de sucesso.

Sem dúvida que um dos pontos altos foi o facto de terem assistido ao lançamento em Portugal, em paralelo com o resto do mundo do novo sistema operativo XP da Microsoft.

Saliente-se que a Escola Profissional de Esposende está a sofrer uma forte mudança na forma de funcionamento de suporte - através da criação de um centro de informática que compreende dois laboratórios (informática e multimédia) e informatização das salas de aula.

Concurso "A Minha Árvore de Natal é Ecológica"

ÁRVORES DE NATAL ORIGINAIS NAS ESCOLAS DE ESPOSENDE

No âmbito da quadra Natalícia, na qual a "Árvore de Natal" é o grande símbolo em termos de decoração, e depois do sucesso de anos anteriores, a Câmara Municipal de Esposende lançou pela terceira vez consecutiva, o desafio a todos os estabelecimentos de ensino para que criassem a sua própria árvore de natal.

Para além de incentivar a imaginação das crianças, a Autarquia Esposendense pretendeu com este projecto, evitar o abate de árvores e inculcar hábitos de preservação da natureza e do ambiente, dando a conhecer alternativas mais verdes.

Inserido no Projecto de Educação Ambiental, o Concurso "A Minha Árvore de Natal é Ecológica" foi dirigido a alunos, professores e comunidade escolar de todos os estabelecimentos de ensino do Concelho, jardins de infância, oficiais e particulares.

O BOM JESUS DE FÃO

ÚLTIMOS SACERDORES FANGUEIROS

Por CARLOS MARIZ

PADRE JOB TEIXEIRA

O padre Job era irmão gémeo do comandante Augusto José Teixeira.

Nasceram em Fão, no dia 15 de Dezembro de 1892.

Foram seus pais José Joaquim Teixeira, sargento da Guarda Fiscal e D. Maria Josefa Angelina.

Fez a instrução primária em Fão, sendo sua professora D. Ema Vieira.

Depois frequentou o Seminário de Santo António e S. Luís de Gonzaga e o Conciliar, na praça de S. Tiago, em Braga.

Concluiu o Curso Teológico a 17 de Junho de 1913. Como não tinha ainda a idade canónica para ser ordenado presbítero, passou a ajudar o pároco de S. Jerónimo de Real, padre Luís Portela e a dar aulas na Escola Académica, no Campo das Hortas, em Braga.

Foi ordenado sacerdote a 11 de Julho de 1915 e cantou a sua primeira missa na Igreja Matriz de Fão a 15 de Agosto de 1915.

Continuou a leccionar na Escola Académica, passando depois a ser professor de Matemática no Seminário de Nossa Senhora da Conceição, em Braga.

Era um professor de matemática de raro saber, um pouco severo e exigente com os alunos, para os forçar a estudar. Porém, na hora de dar as notas, era magnânimo.

Prestou serviço militar quando decorria a Primeira Grande Guerra (1914-1918), tendo frequentado a Escola de Sargentos Milicianos do Porto. Não chegou a ser mobilizado para a frente de batalha graças à revolução de 5 de Dezembro de 1917, que levou ao poder Sidónio Pais. O padre Job foi licenciado e voltou ao seu posto de professor em Braga.

Dedicou muito do seu tempo às Oficinas de S. José, de Braga, instituição caritativa, que recolhe, ensina e prepara para a vida do trabalho orfãos e desamparados. Para esta instituição realizou na Póvoa de Varzim uma Colónia Balnear. Para dirigir e poupar, economicamente, a colónia balnear levou a irmã, D. Virgínia.

Foi nomeado pároco de Gandra em 7 de Novembro de 1920. Desempenhou o cargo até 5 de Dezembro de 1921.

Tinha bons dotes oratórios pelo que foi o pregador escolhido para o encerramento do Tríduo Eucarístico do Arciprestado de Esposende, organizado por Monsenhor Pedrosa.

A 30 de Junho de 1922 foi nomeado secretário e professor de matemática do Seminário de Nossa Senhora da Conceição, de Braga, então inaugurado.

Foi administrador do Diário do Minho, de Braga. Também se dedicou ao escutismo na cidade de Braga.

Vestia-se com apurmo. Tinha um ar sério. Aparentava ser de poucas palavras.

Passava as suas férias em Fão, na casa paterna. Amigo, desde o seminário, de Celestino Pires, dono da Farmácia Higiénica, de Fão, reunia-se com ele e o padre Júlio Cubelo, na farmácia e então surgiam as anedotas, a alegre cavaqueira e a boa disposição.

Quando foi do arranque do Hotel Ofir só concordou vender uns terrenos, que possuía no local, por se tratar de progresso para Fão, que muito amava. No templo do Senhor Bom Jesus de Fão celebrou várias missas, nomeadamente missas dominicais nos meses de Agosto, Setembro e Outubro de 1954 e Julho de 1955, em substituição do capelão (prior de Fão).

Adoeceu repentinamente nos primeiros dias de Maio de 1959.

Foi internado na Casa de Saúde de S. Lázaro, em Braga, mas não resistiu à doença e veio a falecer às 3 horas de 16 desse mês.

Foi sepultado no jazigo de família no Cemitério Paroquial de Fão, em 18 de Maio de 1959.

Acompanharam-no até à última morada grande número de amigos, conterrâneos e sacerdotes, que lhe prestaram sentida homenagem.

Bibliografia: Jornal "O Novo Fangueiro" n.º 32, de 14-6-1959; Jornal "Farol Fãoense", n.º 2 e 4, de 1915; Jornal "Nascer de Novo", n.º 35 e 37, de 1983; "Imprensa Bracarense", pág. 77, de A. Lopes de Oliveira; Livro de Contas do Senhor Bom Jesus de Fão.

DISOL




FERRAMENTAS
ELÉCTRICAS

COMPRESSORES



GERADORES

 ANTUNES & IRMÃO

Rua de Ourais, 90 - Apartado 1077 . 4471-909 Maia . Telefone 229 607 075 . Fax 229 607 076

Tentação ou um repto ao Zé Artur

Já por mais de uma vez, por uma?, por mais de vinte, tenho pensado em algo que fosse bom para a nossa terra, se não em termos pecuniários, ao menos ou, pelo menos, em termos de propaganda, fosse ele um ex-libris ou algo que tornasse a vila de Fão como um charmariz, algo atractivo que constituísse visita obrigatória.

Em tempos imaginamos uma torre que fosse muito alta e que tivesse na extremidade um terraço panorâmico donde se alcançaria uma bela vista e onde, perante um cenário deslumbrante, se pudesse tomar um café ou uma qualquer bebida reforçada com um dos nossos doces típicos.

Um arremedo deste projecto já o vimos ou já o experimentamos na Praia de Boa Nova em Matosinhos. A última vez que subimos o seu elevador foi há mais de 40 anos e, por isso, a paisagem e os pormenores da sua construção surgem-nos à memória bastante delidos ou esmaicados, não nos lembrando agora se a referida torre estava acoplada a um farol, isto é... se servia de base a um farol ou se era tão só um miradouro para turista apreciar a paisagem. Lembra-nos que a sua guarda acompanhava sempre os visitantes para evitar, dizia-se, eventuais tentativas de suicídio ou que qualquer casal de namorados se expressasse com demasiado entusiasmo. As visitas não eram assim muitas, talvez porque a torre não era estonteantemente alta, talvez porque não havia café lá em cima, talvez porque a presença do vigilante fosse incómoda, talvez por mais isto e por mais aquilo. A torre que eu imaginei para a terra de Fão tinha que ser muito mais alta, impressionantemente alta, e para ser sedutoramente alta tinha que ser bem estruturada ou seja muito dispendiosa e, portanto, inconvertível em realidade. Resultado: tiramos daí o cavalo da chuva.

E se o leitor (não sei se alguém nos acompanha

nestas alturas) nos vão apodar de nefelibata, eu pergunto-lhe se o idealizador da torre Eiffel admitiu alguma vez, que aquele férreo mastodonte, erguido no "Champ de Mars", em Paris, viesse albergar, por dia, tantos milhares de visitantes?

Mas nós não desanimamos assim às primeiras. Lembramo-nos então do Sérgio. Recordam-se da ideia do Sérgio? Numa tarde, numa manhã ou numa noite, encheu o rio, junto à ponte, de mais de um milhar de patos. Foi um deslumbramento. Os jornais deram notícia e pelo menos aos domingos as pessoas alongavam-se pela Avenida Beira-Rio. As crianças berravam aos pais uma paragem obrigatória em Fão e muitas traziam sacas com comida. Eles não se faziam rogados à benemerência do Sérgio. Estabeleceu-se entre os brancos palmípedes e as pessoas uma relação de tu cá, tu lá; mal as pessoas se abeiravam do rio, era um corredoiro das aves a dirigir-se para elas e a grasnar insistentemente cuá, cuá, cuá. Isto sem temor, sem receios, numa familiaridade surpreendente e enternecedora. Até as gaivotas, as distantes e receosas gaivotas, habituaram-se a conviver com as gentes numa aproximação dantes inimaginável.

Este acontecimento ocorreu há uns dez anos e nós, perguntamos hoje onde estão os patos do Sérgio. Que deles? Neste momento não há nenhum. Roubaram-nos, mataram-nos e comeram-nos. As pessoas vinham em grupos de terras distantes. Começavam a chamar pelos patos e estes, feitos palermas, acorriam pressurosamente e confiadamente para as mãos promissoras e criminosas que logo lhes estrocegavam o pescoço, abriam um saco e ala que se faz tarde. Uma vez, contaram-nos, vieram uns gajos de Vila do Conde, na precisa altura em que o Sérgio e o filho estavam a chegar de Esposende. Ao verem o ladrismo que se estava a passar, pai e filho defrontaram os predadores. Houve pancada de criar bicho. Por fim, os assaltantes retiraram-se e a paz voltou ao rio com uma dezena de patos a menos. Mas foi sol de pouca dura: daí a meia hora os "valentes" tornaram

a Fão com mais reforços. Mais pancadaria. Não nos consta que algum fangueiro tivesse saído à rua em socorro. Os valentes fangueiros deixaram o Sérgio e o filho sozinhos a combater a quadrilha.

Foi assim, com ataques em série que acabou a odisseia do Sérgio. Não restou um único pato. Houve ainda conterrâneos que também se tornaram pilhadores e outros vieram falar em problema de ecologia, que os patos estavam a dizimar os peixes, que mais assim, que mais assado.

Que vão para o raio que os partam.

Estivemos de novo a pensar no assunto. É sabido que as gaivotas estão presentemente a passar fome - garantem-nos os entendidos - por mor da falta de peixe. O rio está a ficar inabitável.

Devia criar-se em Fão a Liga dos Amigos das Gaivotas de Fão. E por que não dos patos? Simplesmente porque o rio não tem patos, mas é o refúgio habitual das gaivotas. Quem diz rio, diz, o paúl, diz as margens, as pequenas ilhas de areia.

Mas qual seria a finalidade da tal Liga? Seria preservar as gaivotas, fazê-las habitar zonas seguras, o mais perto possível do centro de Fão ou até do Cortinhal. Eu já frisei atrás que as gaivotas habituaram-se a debicar parte do milho que as pessoas reservavam aos patos. Há tempos li num jornal de Esposende, não nos lembra qual, que todos os dias, em determinado sítio, aparecia um indivíduo com um saco de milho, parece que era milho, que o vinha deitar às gaivotas e elas vinham-lhe comer às mãos! Algumas saltavam-lhe para cima dos ombros. Era isto que nós queríamos que se fizesse na nossa terra. Com gosto, com persistência, com habilidade seria possível trazer estas aves para locais estratégicos. Elas habituaram-se com os patos. E Fão ficaria conhecido como a terra das gaivotas.

Alguém quer tentar?

N.B.: Zé Artur, seria a tua coroa de glória. Não queres tentar?

A.S.

Surpresas: PS perde no concelho da Povoação

O PS ficou aquém dos seus objectivos nas eleições autárquicas de domingo nos Açores, apesar de manter o mesmo número de câmaras municipais conquistadas 1997 - cinco em 19.

O PSD ficou com 13, menos uma do que há quatro anos, e o PP ganhou uma autarquia.

Os socialistas açorianos "roubaram" a Câmara de Santa Cruz das Flores ao PSD, mas perderam para este partido a Povoação, um resultado inesperado na ilha de São Miguel. *Carlos Ávila dá lugar ao social democrata Francisco Álvares, o que foi de certeza uma grande surpresa, assim como o CDS/PP protagonizou uma das maiores surpresas das autárquicas nos Açores, ao conseguir, pela primeira vez na sua história, uma câmara municipal, graças a João Greves, um carteiro que já foi deputado à Assembleia Regional.*

Na noite "negra" dos socialistas que perderam em toda a linha, a perda da Povoação foi o que menos esperavam. Depois de todo o investimento feito pelo Executivo no Concelho, depois das calamidades, a População mesmo assim decidiu "castigar" os socialistas, dando a vitória ao PSD.

Carlos Ávila que esperava entrar no seu terceiro mandato perdeu a Edilidade para o seu adversário mais directo. Álvares concorria contra Ávila pela segunda vez e conseguiu levar a melhor, depois da sua persistência.

Com Berta Cabral, a primeira mulher a ser eleita para a Câmara Municipal de Ponta Delgada, o PSD alcançou também uma vitória na "jóia da coroa" das autarquias açorianas, um resultado importante a nível regional.

Além de Ponta Delgada e Povoação, os sociais democratas venceram em Vila Franca do Campo, Nordeste, Ribeira Grande (São Miguel), Praia da Vitória (Terceira), Santa Cruz (Graciosa), Velas e Calheta (São Jorge), Madalena, Lajes e São Roque (Pico) e Lajes (Flores).

O PS, por seu lado, conseguiu maioria nas

câmaras municipais de Lagoa (São Miguel), Vila do Porto (Santa Maria), Angra do Heroísmo (Terceira), Horta (Faial) e Santa Cruz (Flores).

Entretanto, o líder do PP/Açores, Alvarino Pinheiro, considerou domingo que o seu partido "é o único vencedor líquido" das eleições autárquicas na região.

O PS manteve o mesmo número de autarquias, o PSD perdeu a câmara do Corvo para os populares, ainda que apenas com maioria relativa, afirmou o dirigente popular ao justificar o seu ponto de vista.

Alvarino Pinheiro realçou também "o crescimento do seu partido em quase todas as autarquias passando a ter um maior número de vereadores municipais e de eleitos nas assembleias de freguesia".

"Grosso modo os objectivos do PP foram atingidos" declarou, apesar dos resultados terem ficado aquém das expectativas em alguns concelhos das ilhas.

Sobre os resultados nacionais, considerou que representam "um grande passo para por fim ao consulado socialista, deixando o PS sem condições para continuar a governar".

Entretanto, ao reconhecer os resultados da CDU como "insuficientes", o líder dos comunistas açorianos garantiu que a coligação PCP/PEV vai manter o "empenhamento" e a "persistência" que caracteriza a sua acção.

"Diário dos Açores"
17 de Dezembro de 2001

N.R. - "O Novo Fangueiro" procura não tomar posições nos actos eleitorais. No entanto recebemos esta mensagem da nossa conterrânea e boa amiga D. Carmen Mendanha Vaz Álvares. É a esposa do vencedor. Compreendamos a sua alegria e transmitimo-la ao mundo.

De qualquer modo penso que vou aproveitar a tua oferta para ver Povoação.

Pagaram a assinatura

Fernando Marques de Almeida (Porto),	11.000\$00
Eng. Guilherme Manuel B. Farinha (Porto),	2000\$00
Joaquim Amândio Gafêim Soares	7000\$00
Manuel Afonso Novo	1400\$00
Nelson Moreira Cardoso (Porto)	2000\$00
José Francisco Ferreira Magalhães	2000\$00
José Francisco Ferreira Magalhães	7.00 euros
Eng. Fernando José S. e C. Mariz (Porto)	10.00 euros
João M. Ribeiro	2000\$00
Dr.ª Rosália Teixeira (Porto)	50.00 euros
Com. Carlos Diam. Bacelar Pires (Braga)	7.00 euros
António de Almeida Miquelino (Lisboa)	100.00 euros
Dr. José Albino Torres Saraiva Saraiva	41.92 euros
Emília Saraiva,	7.00 euros

O nosso Bem Haja.

PELO HOSPITAL

• Na reunião de Dezembro a mesa administrativa da Santa Casa traçou o plano para o ano 2002 e que têm um único projecto arranjando um parceiro (o qual está por definir): arrancar a obra Centro de Dia na zona das Pedreiras para apoiar as carências alimentares das crianças de escola e os pobres envergonhados.

• O relatório do orçamento previsto que foi entregue na hora da reunião a partir do próximo ano será enviado em conjunto à convocatória para que os irmãos possam apreciar os seus números a fim de se entenderem ou discutirem no momento e sítio certo.

• Aprovação do plano e orçamento: só uma abstenção, os restantes a favor.

E.S.



PREDIFÃO

Investimentos e Gestão Imobiliária, Lda.

R. Azevedo Coutinho ao início da Av. Dr. Manoel Paes
Tel./Fax: 253 982 730 - 4740 FÃO

ESPOSENDE

De ARTUR L. COSTA

(Continuado da pág. 2)

cultura, além de actos de índole prático com visitas de estudo a locais relacionados com as matérias. Por isso, a iniciativa vem no seguimento dos exemplos de Barcelos (Dr.ª Maria Helena Araújo e Sousa Dias); Viana do Castelo, com o jornalista Afonso do Paço; Guimarães uma das melhores nesta região, onde leccionou a poetisa, escritora e jornalista, Dr.ª Conceição Campos. O corpo de formadores está já seleccionado.

Os interessados devem dirigir-se à sede da Junta

EXPOSIÇÃO DE PINTURA NO 24.º ANO DE FUNDAÇÃO DO CLUBE ROTÁRIO. - HOMENAGEM A BENEMÉRITA

A reunião festiva do Clube Rotário de Esposende que assinalou o 24.º ano da sua fundação, foi bastante animada, mercê dos acontecimentos integrados no protocolo.

No dia 25 de Janeiro realizou-se no Hotel Nélia, a reunião do Clube Rotário, presidida por Nereides Martins, para assinalar os 24 anos de fundação. Depois das cerimónias de saudação às Bandeiras, do protocolo e da secretaria, respectivamente por Dr. Gomes do Vale e o Prof. Vicente foi assinalada a abertura da exposição colectiva, composta por 28 trabalhos da autoria dos artistas: João Pinto, Paulo Pontes, Xavier Galiza e Eugénia de Almeida, na reunião representados pela Dr.ª Paula Guimarães. Desta forma e como novidade, aparece esta modalidade no ideal rotário, pela colaboração e apoio aos artistas plásticos. Em contrapartida oferecem 20% das vendas a favor da obra social do Clube.

Coube ao presidente do Clube em festa, Nereides Martins, invocar os companheiros fundadores já falecidos e por quem foi celebrada missa de sufrágio, e os vivos presentes, a que se seguiu a apresentação rotária; ainda, a homenagem à figura mística do Clube, a Tia Lu, a quem foi atribuído o diploma de "Patrocinadora de Mérito", pelos prémios escolares anualmente atribuídos aos alunos do ensino no Concelho de Esposende, com melhores resultados.

No decorrer da reunião os vários oradores inscritos salientaram os 24 anos de fundação do Clube e das próximas Bodas de Prata. O historial esteve em destaque e, bem assim, a obra social e de apoio à comunidade integrada no lema "Servir"; também, as frases decisivas na preparação e de fundação do Clube pelos companheiros de Barcelos, a que José Augusto se referiu, tendo concordado com o desgaste entre os quadros do Clube, a que se referiu o Dr. Gomes do Vale, muito embora compensados pelos bons resultados alcançados. O Dr. Brás Marques recordou alguns passos da história de Esposende e do fidalgo vianês D. Pedro da Cunha que, trazendo a Alçada de que era responsável até ao lugar de Esposende, teve acção preponderante na decisão real. Pediu, por isso, o seu nome para uma Rua da Cidade que já havia sido atribuída. Não faltou, também, apelo aos jovens a fim de se dar rotatividade aos que meteram ombros às tarefas sociais e de serviço à comunidade, a mais importante das quais, a 11.ª Conferência do Distrito de 1970, a 13 de Maio de 1994, em Ofir.

A finalizar, Governador Assistente, Ferreirinha Antunes, recordou os tempos em que tem passado por este litoral inspirador de poetas e de prosadores, além do 24.º aniversário; o presidente da direcção dos Bombeiros Voluntários, para se referir à afinidade do lema Servir e do uso e costume do litoral em que "a cunha e o coice" seguem de mãos dadas, além do trocadilho, para se conhecer quem dá e quem recebe.

Presentes, entidades convidadas, entre as quais: o Vereador Jorge Cardoso, em representação da Autarquia; os companheiros fundadores e os Clubes de Barcelos, Braga Norte, Ponte de Lima, Viana do Castelo além do anfitrião Esposende, e como animadores da noite, o Conjunto de Concertinas dos Baetas, de Castelo de Neiva, em divertida e picante actuação, bem à moda do Alto Minho.

Artur L. Costa

de Freguesia de Esposende, onde vão decorrer as sessões teóricas, a fim de preencher o formulário. O custo base anual da inscrição é de 6000 (30 euros) não inclui visitas de estudo e os convívios. É responsável pela iniciativa o Dr. António Martins Oliveira, desta cidade.

Lampreia: época começa mal!

Iniciou-se em Janeiro e prolonga-se até 31 de Maio a campanha de captura da lampreia, o petisco mais apreciado na gastronomia de Esposende. Contudo, as condições de invernias, o rio com sinais evidentes de poluição não ajuda os profissionais, que vivem desta actividade.

No ano 2000, os temporais e as inundações, as maresias tudo dificultou a campanha. Este ano os males continuam a prejudicar a faina e os raros exemplares apanhados estão a provocar algumas preocupações aos pescadores.

Segundo fomos informados por um destes profissionais de Esposende, existem alguns problemas: as tinturarias a despejar águas estragadas no rio, os esgotos e os entulhos lançados nas águas e o assoreamento põem tudo em pantanas. "Os poucos peixes apanhados não dão nada e se continuar este temporal o ano vai ser fraco". Viria a esclarecer que as redes lançadas no rio Cávado, a montante da ponte de Fão, com chumbeiras e bóias, "fica-se tudo pelo rio acima..." entra a lampreia, mas não desce à foz.

De facto o Regulamento de Pesca do Rio Cávado, determina o fim da campanha a 31 de Maio e nada faria prever a rede em tais condições, em vez de "Estacada" a juzante da ponte conforme previsto.

A propósito, será de recordar os preços de antigamente e a sua evolução: por exemplo, em 1919, a primeira capturada valeu entre 900 e os mil réis; em 1927, o custo já foi de 12\$00, por ser a primeira capturada; em 1945 passou a 30\$00 e em 1972 foi vendida por 60\$00 enquanto que, em 1974, subiu para 120\$00. Em tempos mais recentes, 1996, a primeira apanhada no rio Cávado valeu 13 contos.

Com a melhoria das condições do tempo e águas mais apropriadas é provável que a campanha seja melhor

e ofereça mais oportunidades de abastecer o mercado. É que, as lampreias tratadas em cativo, podem não ter idêntico sabor.

Distribuição de Pelouros Municipais pela maioria PPD/PSD

Na primeira reunião do Executivo Municipal depois da verificação de poderes e confirmados os eleitos de 16 de Dezembro, ficou deliberado a distribuição de Pelouros:

Presidente - **Fernando João Couto Cepa** que acumula: Educação, Cultura, Meio Ambiente, Finanças, além das competências atribuídas por Lei. Vereadores: **Vitor Manuel da Silva Lelte**: Vice-Presidente e terá a seu cargo Gestão Urbanística, Planeamento e Ordenamento do Território, Obras Municipais, Gestão de Fundos Comunitários e provenientes da Administração Central, Gestão de Trânsito e Transportes. **Jorge Alves Cardoso**, tem a seu cargo, Protecção Civil, Gestão Ambiental (espaços verdes) Cemitérios, Mercados e Feiras; **Maria Emília de Miranda Mariz Figueiredo**, atribuídos de Acção Social, Saúde e Habitação; **José Albino Lima de Faria**, Desenvolvimento Económico, Turismo e Desporto.

Os Vereadores **Tito Alfredo Evangelista e Sá** e **Luís Miguel Moraes Gomes do Vale**, eleitos pelo Partido Socialista (PS), não tiveram quaisquer atribuições, nem pelouros.

O Conselho de Administração dos Serviços Municipalizados Água e Saneamento (SMAS), passou a ser constituído, por: **Fernando João Couto Cepa**, presidente; **Vitor Manuel Silva** e **Jorge Cardoso**, Vogais.

"Esposende/2000" - Piscinas Municipais, Empresa Municipal, o Conselho de Administração, para este novo mandato foram nomeados: **Adelino Miranda do Vale**, Eng.º, presidente; **Vogais** - Prof. **Rui Martins Pereira** e **Agostinho Veloso da Silva**, Dr.

Chefe de Gabinete do Presidente da Câmara Municipal: **António da Silva Garrido**.

NOVO TALHO

JACINTO

Carnes de Qualidade

"APÚLIA"

Talho 1 - ☎ 253 981 920

Talho 2 - ☎ 253 981 946

FAX 253 981 920

PÁGINA AGRÍCOLA



O VIVEIRO

Por outro lado, a maior parte dos vegetais podem ser colhidos a partir do carreiro. Como realmente as dimensões indicadas não são irreais, nada nos impede de as reduzirmos ou aumentarmos quando quisermos (5 x 7 m, 6 x 8 m, etc.).

As plantas propostas visam cobrir as necessidades em vegetais variados de uma família de quatro pessoas. Caso se queira produzir uma quantidade maior, então será melhor cultivar em simultâneo um número de parcelas proporcional às necessidades. Mas recorde-se que se pode tirar melhor rendimento do cultivo cuidadoso e intensivo de uma só parcela do que ao dispersar esforços de uma maneira menos eficaz sobre duas. Se quando a primeira estiver



A horta no fim do Verão. As couves foram plantadas de modo a ter-se uma produção escalonada.

perfeitamente cultivada, tendo sido feita nela tudo o que realmente havia a fazer, é que nos devemos lançar à segunda e fazer tudo como na primeira.

A prática do cultivo de pequenas parcelas de terra demonstrou ser possível aplicar o nosso plano-base sem ser preciso dedicar-lhe mais de uma hora de trabalho por semana; quanto às despesas com as sementes e outras coisas necessárias, são muito reduzidas. A escolha dos vegetais foi estudada de modo a garantir um fornecimento regular durante o ano inteiro, evitando-se os excessos de produção numa época em que seria difícil utilizá-los racionalmente.

O outro factor que nos poderia



Representação gráfica das culturas nesta parcela. Da direita para a esquerda: hortaliças, legumes e tubérculos, outras espécies hortícolas.

preocupar seria o da natureza do solo, mas a maioria deles podem ser adequadamente preparados. A seguir a um primeiro trabalho de limpeza, a terra parece muitas vezes impossível de utilizar, pois ainda está coberta de ervas daninhas e pedras. Com perseverança, pode-se chegar a conseguir um solo capaz de produzir excelentes vegetais. Uma pequena superfície pode ser fácil e rapidamente melhorada pela incorporação de estrume, adubo orgânico bem decomposto ou qualquer outro material orgânico.

O túneis de polietileno

Baratos, simples, fáceis de manejar, os túneis protegem os vegetais dos prejuízos causados pelos pássaros e os salpicos da chuva, que projecta lama para as folhas. O efeito mais interessante e que mais se procura é o de poder acelerar a colheita um par de semanas. Por outro lado, são fáceis de retirar dos sulcos ou das linhas e de rentalizar. A regra não cria dificuldades, pois tal como acontece com a chuva, ao molhar a superfície a água infiltra-se directamente na terra e atinge as raízes por capilaridade; em tempo demasiado quente ou quando a humidade

Por A. RAMOS ASSUNÇÃO

interior é muito elevada, levanta-se uma das abas laterais, facilitando o arejamento das plantas.

Para construir um túnel são precisos arcos de arame que disponham de uma argola pequena a uns doze ou quinze centímetros de cada extremidade. O arco é enterrado no solo, cravando as extremidades até à argola, que tem de ficar rente ao chão. A distância de arco para arco deve ser de 0,90 a 1,20 m; quanto mais separados eles ficarem, mais baixo fica o túnel. Estende-se o plástico sobre os arcos, prendendo-se com força as extremidades a um par de estacas, de modo a que o material fique esticado sobre os arcos. Para acabar de o sujeitar, passa-se um fio forte pelas argolas laterais do túnel e por cima do plástico; ao esticar-se o fio, fica-se com uma estrutura bastante sólida e estável.

Para proceder aos trabalhos necessários à cultura ou para fazer a colheita, levanta-se um dos lados do plástico, que se volta a baixar quando se acaba o trabalho.

Campânulas e estufas

Pode-se fazer pequenas campânulas com recipientes de plástico transparente aos quais se corta o fundo; pode-se cobrir com elas alguns vegetais, enterrando-as alguns centímetros na terra para resistirem ao vento. Para facilitar a ventilação ou a rega, basta desenroscar a tampa ou fazer uns orifícios na parte superior. As alfaces aceitam muito bem este tipo de abrigo.

Colocados sobre sementeiras de abóboras ou pepinos, os boiões de vidro favorecem a sua germinação e, posteriormente, o crescimento das jovens plantas. Há uma grande variedade de campânulas de vidro ou de plástico que tanto podem ser utilizadas isoladamente como postas de modo a formarem uma linha contínua sobre as sementeiras em covacho. Ao cair, a chuva desliza pelas paredes das campânulas e penetra na terra, onde se infiltra até às raízes das plantas.

Uma montagem simples consiste em manter unidas, por meio de umas pinças apropriadas, duas chapas de vidro dispostas em telhado. Igualmente se pode utilizar, como elemento de união, uma ripa de madeira com ranhuras para encaixar os vidros.

Também se pode construir uma caixa sem fundo, em cuja parte superior se põe um vidro; outras estufas são constituídas por quatro tábuas pregadas umas às outras e cobertas com um caixilho de madeira com uma chapa de plástico ou de vidro. Os viveiros cobertos mais simples têm a parte de trás, mais alta do que a da frente, para a cobertura ficar inclinada; as estufas duplas têm uma elevação a meio, ficando a cobertura com duas abas. (Continua)

DESPORTO

Por
JOÃO PEDRAS



FUTEBOL

CAMPEONATO NACIONAL DA III DIVISÃO

Após a saída do técnico Jô, para o Esposende, o seu adjunto Narciso, assumiu a liderança da equipa e em três partidas o Fão obteve dois empates em casa, com o Ronfe (1-1) e Merelinense com igual desfecho, e uma derrota em Viana do Castelo por (1-0), resultado falseado pela desastrosa actuação do árbitro.

Devido a chicotada psicológica ou não, este treinador foi substituído por uma dupla técnica que em cinco jogos efectuados conseguiu dois pontos através de dois empates no campo Artur Sobral perante o Limianos a (três golos) e Valdevez a (um golo), sofrendo três derrotas, no Maria da Fonte (um a zero), em Montalegre por (cinco a um) e Valenciano (três a dois). Perante isto, novo técnico é contratado o que não é mais feliz que os seus antecessores. Em três confrontos de grande importância no início da segunda volta do campeonato, conquista um empate a um golo em Amares mas sofre duas derrotas em Fão pelo mesmo número de golos (dois a um) com o Pevidém e e o Terras do Bouro. Assim depois deste período tenebroso, o Fão encontra-se numa situação delicada para a sua manutenção nesta competição a nível nacional. As decisões tomadas foram com a melhor das intenções por quem trabalha e se sacrifica.

Apoiados pelas cantadeiras e cantadores do Grupo Armando Solinho e companhia, percorrendo Fão e não só cantando as tradicionais janelas para angariação daquilo com que se compram os melões, neste caso novos jogadores que por sinal tiveram tanta influência positiva no conjunto fangueiro como os recentes técnicos.

Por isso, caros associados e simpatizantes, mais do que vós sofrem os dirigentes do Clube de Fubol de Fão.

O Futebol Clube de Fão encontra-se em 17.º lugar com 15 pontos, mais 7 que o último (18.º) e menos três que o 15.º.

LUÍS CAMPOS

Depois da passagem pelo Gil Vicente, o prof. Luís Campos é o novo técnico do Vitória de Setúbal com um começo promissor, empate com o Benfica e vitória no Salgueiros.

HÓQUEI EM PATINS

Campeonato Nacional da III Divisão

Últimos resultados: Seixas, 2 - Fão, 9; Fão, 5 - Paredes, 2.

Enquanto no futebol se sofre, no hóquei vai tudo de vento em pôpa. O Hóquei Clube de Fão é o guia destacado na classificação geral da competição.

Numa extensa entrevista à Esposende Rádio, o presidente da Direcção desta novel colectividade fangueira expressou com clareza a saúde que se respira nesta modalidade desportiva e, salvo imponderáveis que possam acontecer a quem corre atrás da bola, neste caso de patins, o desejo de concretizar é a subida à Segunda Divisão Nacional. De toda a esplanção que este dirigente

fez sobre o hóquei fangueiro, um pormenor nos chamou a atenção: dezenas de miúdos do nosso concelho aderiram à prática desta modalidade. É algo digno de registo e que muito valoriza a actividade desportiva da terra fangueira.

TAÇA DE PORTUGAL

Fão, 2 - Juventude de Viana, 4. Nesta competição o Hóquei Clube de Fão resistiu até onde pôde e tal como na época passada perante o Futebol Clube do Porto o carrasco desta feita foi a credenciada equipa de Viana do Castelo. Quase um milhar de espectadores acorreram ao pavilhão de Fão para assistir a este emocionante jogo.

INFANTIS

Fão, 0 - Hóquei de Barcelos, 15; Barcelinhos 1 - Fão, 0.

POLÍTICA

O nosso prezado amigo António Eduardo de Oliveira Viana é candidato a deputado nas listas do CDS/PP do Distrito de Braga.

Era uma honra para Fão termos um deputado. Será difícil. Os lobies têm muita força. Há que insistir

SENHOR DE FÃO

Já há comissão para as festas do Senhor de Fão. Os seus nomes:

João Reis, Manuel Araújo, António Morgado, Arménio Silva, António Soares, Cândido Gaifém, José Salvador, José Matias, Casimiro Matias, Luís Manuel Oliveira Silva,

Ester Nogueira, Ester Lemos, Cidália Soares, Paulo Magalhães Cruz, Andreia Araújo, Maria Helena Graça, Sónia Magalhães Cruz, Samarina Vasconcelos Valentim, Carla Rente e Sílvia Rente.

Espera-se que além da Comissão todos os fangueiros trabalhem para o bom êxito das festas.

Entre nós

Vindo do Canadá, onde exerce a sua actividade profissional, esteve em casa de seu pai Belmiro Ferreira, o nosso conterrâneo Manuel Belmiro Ferreira do Vale.

Que volte sempre, são os nossos votos.

FALECIMENTOS

• Com a proveta idade de 89 anos faleceu, nesta Vila, a nossa conterrânea Maria Emília Sousa.

Aos seus familiares o nosso sentimento de pesar de "O Novo Fangueiro".

• Em Fão, na Rua da Camareira, faleceu subitamente Mário Fernando da Rocha Enes Torres.

Casado com Gracinda Branco passou a viver na nossa terra após o seu casamento.

Era uma pessoa solitária, muito metida consigo, que despertava simpatia.

• Um tanto surpreendentemente, faleceu na nossa terra José Azevedo Linhares casado com a nossa conterrânea Helena Trindade.

Era uma pessoa com espírito voluntarista com grande dedicação ao Hospital e à Igreja Matriz.

O seu enterro constituiu uma grande manifestação de pesar.

As famílias enlutadas os nossos pêsames.

AGRADECIMENTO

A família de Maria Emília Sousa vem por este meio agradecer a todas as pessoas pelas manifestações de amizade e solidariedade, que lhe foram prestadas por ocasião do falecimento da saudosa familiar.

ASSOCIAÇÃO HUMANITÁRIA DOS DADORES DE SANGUE DE ESPOSENDE

CORPOS GERENTES PARA O TRIÊNIO 200/2003

Direcção: Presidente - Eng. Adelino Miranda Marques; Vice-Presidente - Manuel Nereide Rodrigues Martins Meira; Secretário - Carlos Rodrigues Palma Rio; Tesoureiro - Eng. Luís Ferreira Carvalho; Vogal - Olga Helena Borralho Magalhães Monteiro; Vogais suplentes - Marino Azevedo Carneiro e Maria Fernanda André Eiras Cerqueira Varandas.

Assembleia Geral: Presidente - Carlos do Carmo Pereira Quinta e Costa; Vice-Presidente - Carlos Alberto Gomes de Faria; Secretário - Dr.ª Maria Filomena Ferreira Vieira dos Santos Faria.

Conselho Fiscal: Presidente - Mons. Manuel Baptista de Sousa; Vogais - Prof.ª Isabel Maria Soares Garcia Cunha e Fernando Silva Rosário; Vogais suplentes - Américo Atílio Coelho Monteiro e Adelino Martins Portela.

Optica

Oliveira

Aleixo Ferreira, L.^{da}

**Gabinete de Optometria
e Contactologia**

Rua da Misericórdia, 4-6

Tel. 253275777 • Fax: 253614074 - 4700-319 BRAGA

E-mail: aleixo.ferreira@oninet.pt

PEDRAS QUE FALAM

Por MARIA SALOMÉ

Quando eu era muito nova, fascinava-me o saber. Quase todo o resto era, para mim, muito secundário. Talvez por isso, era uma aluna atenta, trabalhadora, disciplinada.

E, na mesma linha de pensamento, sempre gostei de escrever e de ter algum controlo sobre o que faço, porque sempre me conheci no drama desde que nasci.

Os anos foram passando: lentos uns, vertiginosos outros. Não dei pelo seu passar, a não ser quando tinha de renovar o meu bilhete de identidade.

Haveria ainda outro meio, mas esse era para mim tão secundário: a imagem no espelho!

Então continuei a fazer sempre as mesmas coisas (as que gostava), por devoção, e as outras por disciplina interior. E foi assim que me tornei nesta velha, atenta a tudo, ou quase tudo o que se passa nesta terra que adoptei, fruto também de circunstâncias não previstas.

Fosse eu lá sonhar que morreria em Amarante!

Se, ao menos, fosse em Fão.

É que o título da pequena crónica pertence à vila ribeirinha que cheira a sal e tem o mais lindo poente que já vi.

Mas falei da minha fascinação pelo saber, pelos livros, pelas citações, pelos autores que eu idolatrava no meu tempo, em que o tempo nunca mais passava e havia aquele tédio que se matava rindo e vivendo em grupo paralelo ao familiar.

Hoje veio-me à mão um pensamento de John Richard Green que diz mais ou menos isto: "As coisas que parecem ficar cada vez mais belas à medida que os anos vão passando são o amor, o encanto e a ternura da vida: não o seu humor, a inteligência, mas simplesmente o riso das crianças e a amizade dos amigos, as conversas íntimas junto à lareira, a visão das flores e o som da música."

Concordo, absolutamente.

Em Fão.

BOAS FESTAS

Tiveram a gentileza de nos enviar cumprimentos de Boas Festas os senhores: Eng.º Guilherme Farinha (Porto), Manuel Afonso Novo (Fonteboa), António Miquelino de Almeida (Lisboa), Jorge Santos (Porto), Dr.ª Maria Clarinda de Carvalho Silva, Dr. Nuno Lima de Carvalho, Dr. Manuel Albino Penteado Neiva.

Os nossos agradecimentos.

Ilse Lieblich, escritora

(Continuado da pág. 1)

morreu após o marido, contava 86 anos.

A menina refugiada em Portugal, procedente da Alemanha nazi, para evitar as perseguições das SS hitleriana devido à sua origem judia, veio a ser apresentada "à malta de Belas Artes", em que Arménio Losa se integrava. Com 20 anos, Ilse chegou ao Porto, acompanhada do irmão mais velho que lhe deu entrada no grupo. Em boa hora o fez, pois, três anos mais tarde a menina passou a ser conhecida por Ilse Losa.

Integrou-se num grupo de bons intelectuais, "expoentes da nossa Cultura" caso de Virgínia Moura, Alves Costa e Óscar Lopes. É curioso que a grafologia tem os seus encantos, porque um grafólogo russo, casualmente, apreciou um manuscrito de Ilse e predestinou-lhe "um talento artístico". É pois, com o estudo aprofundado da língua portuguesa, com o seu professor Óscar Lopes que abraça a carreira literária e como autora

A LUZ E A TREVA

*O Homem prefere a treva
E nem pensa em se emendar.
A Tua Luz o enleva
- Menino feito luar!*

*O Homem ímpio esqueceu
Já o sentido de amar.
Por ele Jesus nasceu...
- Menino feito luar!*

*O Homem vive na treva,
Não conjuga o verbo Amar.
Mas, a Esperança o eleva
- Menino feito luar!*

*À treva desce Jesus,
Vai o Homem lá buscar;
E carrega Sua Cruz
- Menino feito luar!*

*Vai dissipar toda a treva
Porque o Homem quer salvar.
Nova cruz aos ombros leva
- Menino feito luar!*

*Toda a treva far-se-á Luz
E só o Amor vai reinar!
Já ressuscitou Jesus
- Menino feito Luar!*

*Deixemos todos a treva,
Ela nos faz pensar.
Só Tua Luz nos enleva
- Menino feito Luar!*

*Volta de novo o progresso,
O Homem tornou a amar.
Ilumina-lhe o regresso
- Menino feito Luar!*

*Agora, Deus - Humanado
Nessa Criança a brincar.
No Universo irmanado
- Menino feito Luar!*

Florinda Botelho Almeida

de obras: "O mundo em que vivi", "O rio sem pontes", crónicas e contos para crianças, entre eles, o mais conhecido "O Fafasca", dedicando-se, depois de ganhar vários prémios literários e o êxito das suas obras para crianças, a uma vertiginosa ascensão na carreira literária que, só parou com a sua morte aos 86 anos.

A terminar estas duas crónicas sobre a vida e obras de dois esposendenses (Ilse viveu em Esposende com o marido e os filhos, numa vivenda com vista para o mar, rodeada de pinheiros) junto ao forte da barra do Cávado, será lícito recordar as perseguições "pidescas" - de que foram vítimas na época - que os impediram de ir muito mais longe, porque as suas ideias não se adaptavam ao partidarismo político reinante. Eram defensores de causas nobres em benefício das populações, como se não bastassem os sofrimentos causados pelo nazismo de Hitler. Apesar disso, venceram na vida tormentosa que o "Estado Novo" lhes tentou impor.

Mas, quanto a nós, o melhor elogio vem de Alice Rios, quando redigiu o apontamento biográfico deste simpático casal esposendense, que bem conhecemos: "O perfil da Via rápida, que ainda hoje é a mais bela de todas as entradas do Porto, é testemunho nobre de Arménio Losa enquanto arquitecto urbanista..."

Artur L. Costa

NOVO FANGUEIRO

Mensário Regionalista

DIRECTOR: Armando Saraiva

CHEFE DE REDACÇÃO:

Maria Emília Corte-Real

COLABORADORES PERMANENTES

Armando Saraiva
Maria Emília Corte-Real
Fernando de Almeida
Cecília de Amorim
Dinis de Vilarelho
J. C. Vinha Novais
A. Ramos Assunção
Artur L. Costa
João Pedras
Carlos Mariz
Marta Mariz Mendes
Dias Costa
Florinda de Almeida
Maria Henrique Duval
Rosa Fonseca
António Viana
Maria Salomé
António Curado
Artur Saraiva
Edmundo Marques

REGISTO DO TÍTULO: 110131

CONTRIBUINTE N.º 143 241 702

PROPRIEDADE

Armando dos Santos Saraiva

ADMINISTRADORA:

Zita Saraiva

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO:

Rua de Cima, 5 - 4740-353 FÃO ou
Apart. 36 - 4740-908 FÃO
Telm. 919 451 867 / Telfs. 228 000 295 / 253 981 475
E-mail: onovofangueiro@sapo.pt

TIRAGEM: 1.100 Exemplares

COMPOSIÇÃO E IMPRESSÃO:

BINOGRÁFICA
Rua Elias Garcia, 129 - 4490-828 PÓVOA DE VARZIM
Telef. 252 615 230 / 252 684 318 - Fax 252 684 304

A cobrança de "O Novo Fanguero" através dos Correios será por conta do assinante.



Clínica Dentária Conde de Castro

Cláudia Silva / Sandra Silva
Médicas Dentistas

Horário de Funcionamento

2.ª a 6.ª feira: das 9:30 às 12:30 e das 14:30 às 19:30h
Sábado: das 9:30 às 12:30

Rua Conde de Castro, 25 - 1.º Esquerdo/Frente
4740 ESPOSENDE Telefone: 253.96 16 16

ENTRE O RIO E O MAR

*Estou dividido entre o rio
e o mar.*

*Tanto quero a um
Como quero a outro.
Se um me viu crescer,
O outro foi meu confidente.
Falo naturalmente
Do rio e do mar da minha
terra.*

*Aqui, na cidade grande, o
rio e o mar,
Em verdade,
Servem apenas para
mitigar a saudade,
Deste amor indelével de
raiz.*

José Cândido Gomes da
Fonte
de "Entre o rio e o mar"

UM LIVRO DESVELADO

Enviado pelo seu autor, José Pires Lopes de Azevedo, recebemos há dias o opúsculo "No centenário da Sociedade Arqueológica da Figueira". Já não é o primeiro volume que este diligente estudioso me envia e que eu procuro agradecer - tenho-o tentado - nas colunas deste jornal. O dr. Azevedo forma com sua esposa, o casal mais simbiótico que eu conheço. Calma que eu explico já o significado do palavão. Com efeito, este ilustre figueirense está casado com a dr.^a Adelaide Almeida Ribeiro, licenciada também em Ciências Histórico Filosóficas e igualmente aposentada do Ensino Secundário. É autora dos livros "História Local. Acção do Professor, 1991.", "Proposta para uma antologia de Joaquim de Carvalho, 1992", e "D. Miguel da Silva (séc. XVI). 2000 (1.^a Edição); 2001 (2.^a Edição). É ainda co-autora, juntamente com seu marido, da obra "Dórdio Gomes e as cópias do Louvre, 1993.

Chamamos-lhe casal simbiótico porque fazem uma dupla de trabalho em investigação histórica que nunca se cansa: estão sempre a catar, a procurar vestígios, memórias, que digam respeito à história local, Figueira e seu concelho, quando não a efectivar uma devassa fora de portas, como por exemplo estudos sobre Camilo, Dórdio Gomes e, já agora, D. Miguel da Silva, uma personalidade extraordinária, fascinante mesmo, que viveu nos séculos XV e XVI e que deu cabo da tola ao nosso avoengo D. João III. Este monarca também não lhe deu tréguas e, por isso, receberam ambos uma chamuscadela na sua passagem pelo Purgatório, que lhes servirá de lição, estou certo disso. Mas basta de D. Miguel e voltemos a Lopes de Azevedo. Foi meu metodólogo em Filosofia no Liceu D. João III (irónico esta coincidência) em Coimbra, e daí ficou uma grande amizade que muito me honra.

Desta vez fiquei um tanto embaraçado, dado o título da obra "No Centenário da Sociedade Arqueológica da Figueira" ser bastante redutor e isso poder afastar da sua compra e consequente leitura possíveis interessados de um tema mais abrangente. No entanto, um dia destes, ou melhor, uma noite destas, entreguei-me à sua leitura, no sobressalto permanente que a opção do autor fosse postergada pelos limites do título e obviamente da sua temática, restringindo o interesse do livro às pessoas da Figueira, mormente àquelas que possuíssem um certo pendor pela arqueologia, pela paleografia e ciências afins. Mas à medida que me adentrava pela sua leitura, fui mudando de opinião. Isso não aconteceria logo em primeiro lugar pelo estilo de linguagem. O autor é cuidadoso na escrita. Percorre com uma peneira de crivo muito reduzido todas as páginas do livro à procura de erros ou gralhas de toda a espécie, o que confere à obra um ar limpo e convidativo à sua leitura. Essa assepsia é refreada pelo modo de dizer as coisas empregues por Lopes de Azevedo que, não sendo de todo sincopado, é pelo

menos lapidar; não sendo anguloso, é pelo menos directo e barrado com uma certa lógica. Vejamos alguns exemplos, na Breve Explicação, última linha da página 5, remata assim o desejo de o livro ter boa aceitação: "Se o livro agrada a alguém, fico satisfeito". Mais nada. Ao dr. Santana Lopes dedica o livro "pelo que de si deu à Figueira". Na pág. 11, aludindo a um especialista de certa matéria refere-se-lhe dizendo: "convertido em investigador de tal matéria e seus reinos". E chega.

De que trata o livro em questão? Procura comemorar condignamente o centenário da sociedade Arqueológica da Figueira", a mais alta expressão científica e cultural na Figueira da Foz",

apesar de só ter durado "uma dúzia de anos (1898-1912). Foi no entanto semente ou incentivo para a criação de outros organismos similares ou próximos em que esta cidade foi exemplo. Respeita a um período, finais do século XIX e início do séc. XX, em que o nosso país acusa uma instabilidade política impossível de conceber, com governos que às vezes demoravam um dia de existência, com uma assistência cultural, desportiva e social na realidade nula. Portugal vivia praticamente em bancarrota, praticamente em guerra civil. Como é costume dizer-se: não tinha dinheiro para mandar cantar um cego. O muito que se fez nesses segmentos da vida nacional foi sobretudo obra das populações locais. A Figueira da Foz, pela leitura que se faz do livro ora em

(Continua na pág. 4)



FIGURAS DE VULTO DA BRIOSA

JOSÉ FERNANDES FAFE a "mística" Académica

Por ANTÓNIO CURADO
(Antigo jogador da Académica e actual presidente da CASA DA ACADÉMICA NO PORTO)

José Fernandes Fafe, portuense de nascimento, de Coimbra pelo coração e da ACADÉMICA por eleição, pergaminhos a que juntou o de Embaixador de Portugal em vários países do mundo.

Licenciou-se na Lusa-Atenas, na década de 40. Habitou-se às suas tradições e deixou-se contagiar, de forma irreversível, pela "mística" da BRIOSA, jamais a esquecendo nas suas prolongadas estadias diplomáticas, no estrangeiro.

José Fernandes Fafe é também escritor, sobressaindo-se das suas obras, a dedicada a Fidel de Castro a quem politicamente apelidou de "sedutor", e com quem conviveu, quando foi nosso Embaixador em Cuba.

Há anos radicado em Lisboa, nunca deixou porém, de comparecer aos jogos da BRIOSA, em Coimbra e noutros pontos do país, onde tantas vezes nos encontramos.

Dada a sua reconhecida afeição pela ACADÉMICA, à sua ponderação e competência, foi, até há pouco tempo, um imprescindível e assíduo convidado-conselheiro, nas mais importantes reuniões do pelouro do futebol académico, fazendo parte integrante de várias e sucessivas comissões directivas, por inerência, dos corpos sociais da ASSOCIAÇÃO ACADÉMICA. E nesse voluntário contributo, foi notável a sua colaboração.

José Fernandes Fafe, foi um dos fundadores da CASA DA ACADÉMICA DE LISBOA, com o intuito de aglutinar, a favor da BRIOSA, os inúmeros antigos estudantes de Coimbra residentes na vasta zona

de capital, passando a ser notáveis, pelo número de presenças e entusiasmo, os anuais jantares de confraternização e convívio, organizados por aquela CASA DA ACADÉMICA, nos Casinos do Estoril e da Póvoa de Varzim, onde são premiados os melhores servidores da BRIOSA nas correspondentes épocas, quer jogadores, dirigentes ou sócios simpatizantes, destacando-se nessa atribuição, o especial prémio destinado ao estudante-atleta com melhor aproveitamento escolar.

José Fernandes Fafe, entre outras iniciativas de vulto, foi também, um dos organizadores mais activos do I GRANDE CONGRESSO DO FUTEBOL ACADÉMICO, realizado em Coimbra, em 1995, de parceria com o saudoso Eng. Jorge Anginho, numa louvável e necessária tentativa de por termo à letargia reinante no ambiente associativo, com repercussões negativas nos resultados em campo, pela equipa dos capas-negras.

Quanto mais fica por dizer acerca deste afeiçoado académico. Por um lado, a minha memória não ajuda. Por outro, e mais por culpa disso, José Fernandes Fafe sempre teve, como timbre, dedicar parte da sua vida à BRIOSA que o conquistou desde moço estudante, sem alardes e espaventos. Sem procurar honras e glórias.

Mas, do que todos podem ter a certeza, é de que ele simboliza a "mística" académica em todas as excelsas virtudes que dela sobressaem!

N.D. - No próximo número dedicaremos o último texto sobre a Académica aos dois exemplares academistas: dr. Sobral Torres e António Curado.

CASAMENTOS

Temos também um RESTAURANTE REGIONAL Aberto diariamente

ARRAIAS TODOS OS SÁBADOS DE JUNHO A NOVEMBRO

Espectacular Salão com Ar condicionado, Tv gigante e sistema de som. Temos o melhor serviço, as melhores ementas, a melhor decoração e os melhores PREÇOS. O seu casamento vai ser animado com rancho folclórico, banda de música, cantares ao desafio e palhaços.

TUDO ISTO COMPLETAMENTE GRÁTIS!

Consulte-nos e nós explicamos o porquê desta "oferta"

QUINTA DA MALAFAIA - Antas - Esposende

Tel. 253 203 740 / 253 872 476 - Fax 253 203 749 / 253 872 670